

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António da Silva Fontinha

registada em 2008-09-18
por

Cláudia Simões e Hugo Pereira

António da Silva Fontinha

António da Silva Fontinha é natural do Piódão, nascido a 9 de Março de 1940. O pai chamava-se António da Silva e a mãe Maria Felismina. Tal como os seus pais, António trabalhou na agricultura, até depois da tropa. “A primeira coisa que fazia logo de manhã era levantar-se, pegar numa corda com um podão ao ombro e ir ao mato.” António foi à escola e fez até à quarta classe, mas mesmo nos tempos de escola tinha de trabalhar, até ter 15 anos. Depois de fazer a escola, ficou na aldeia. Com 14 anos, começou “a trabalhar no duro”. Foi para a estrada e para a floresta cortar pinheiros. Ia à segunda e vinha ao sábado. Trabalhou aí até aos 18 anos, altura de ir à inspecção. Foi para a tropa e andou lá três anos. Quando regressou ficou no Piódão mais um ano ou dois, até ter aí 25 anos. A seguir, casou e foi para Lisboa, trabalhar para a Lisnave. Esteve lá 14 anos. Depois disso abriu um minimercado em Coimbra, onde esteve 20 anos. Por fim, regressou ao Piódão.

Índice

Identificação António da Silva Fontinha.....	4
Ascendência António da Silva e Maria Felismina.....	4
Infância "Sempre ali a esfarrapar botas".....	5
Casa "Até o vento puxava a neve pelas frinchas".....	6
Educação "Tinha 13 anos quando fiz a quarta classe".....	6
Religião "Nunca fui muito amante disso".....	7
Namoro Os namoricos e o namoro sério.....	8
Casamento "Casava-se e ao outro dia ia a caminho do trabalho".....	9
Percurso profissional Uma vida de muitos trabalhos.....	10
Costumes Festas e produtos da terra.....	12
Lugar Uma aldeia à antiga.....	18
Sonhos "Aquilo estava na reserva ecológica".....	25
Filosofia "Para ouvirem a minha palheta toda a vida".....	25
Avaliação "Está bem feito".....	26

Identificação *António da Silva Fontinha*

O meu nome é António da Silva Fontinha. Sou natural do Piódão, freguesia do Piódão. É tudo igual, até bate certo. Nascido a 9 de Março de 1940.

Ascendência *António da Silva e Maria Felismina*

O meu pai chamava-se António da Silva e a minha mãe Maria Felismina. Lembro-me de muita coisa deles. Trabalhavam no campo. Eles trabalhavam na agricultura e eu também continuei a ir, até depois da tropa. Trabalhavam, cavando a terra. O trabalho aqui foi sempre muito puxado. Felizmente, para coisas de luxo não, mas do que dava a agricultura cá do sítio, nós tínhamos que chegasse para comer.

A gente, todos os dias, a primeira coisa que fazia logo de manhã era levantar-se, pegar numa corda com um podão ao ombro e ir ao mato. Pegar numa corda, um podão, o capucho, pôr ao ombro e ir lá em cima à serra à Peneda Redonda, que a gente chama. Um podão é uma coisa de roçar o mato. Com isso é que se roçava. Roçava-se um molhinho de mato e trazia-se às costas para pôr nos animais. Era assim a vida.

O serão em família era passado à conversa. Eu vivia perto de uns tios meus, que eram irmãos da minha mãe. Quando era no Inverno, juntavam-se. Se estava a chover, juntavam-se à cozinha a queimar lenha. A gente era assim: de Inverno era sempre na cozinha. Queimava-se lenha. Ali na conversa até à meia-noite e às vezes até mais. O comer à noite chamava-se a ceia. Ceava-se às nove, dez horas. Fora disso juntavam-se. Eu morava ali perto da capela de São Pedro. Morava e moro. Juntava-se ali a minha mãe, os meus tios, um senhor que era o tio Martins e um outro senhor que era o senhor António Silva. Ali na conversa todos. Havia o hábito. Vinham das terras, do trabalho, sentavam-se ali a conversar e daí é que iam preparar a ceia para se ir comer. Só a essa hora. Na parte do Verão, na própria povoação em qualquer rua que se passasse, estavam os vizinhos juntos uns com os outros na conversa até às nove, dez horas.



António Fontinha com 6 anos numa festa no Piódão, acompanhado por sua mãe e seu pai

Infância "*Sempre ali a esfarrapar botas*"

Os brinquedos era a gente que fazia. Não havia nenhuns. Ia-se aí a um pinheiro, cortava-se com um serrote, fazia-se umas rodas, punha-se-lhe um pau a fazer de eixo e era o que fazia um carro para andar aí para trás e para diante. Era assim. Brinquedos, não havia cá. Não havia dinheiro para o resto, quanto mais para os brinquedos.

As brincadeiras era ao finto. Levantava-se uma pedra aqui ao alto, outra além, supomos aí a 10 metros ou a 5 metros. Daí, era com umas pedras a ver qual é que o tombava mais vezes.

A bola era de farrapos. De uma meia das senhoras é que se fazia uma bola para se jogar. Era uma meia cheia de trapos no fundo. Ia-se virando, torcia-se, atava-se com o baração, estava a bola feita. Lá em cima, atrás da capela de São Pedro, era sempre a esfarrapar botas. Quando aparecia aí um com uma bola de borrachazita, era uma festa para cá. Um que tinha, supomos, o pai em Lisboa ou qualquer coisa, trazia-lhe uma bola dessas, era uma festa. Era assim. O entretém era esse.

A única coisa que se jogava mais, que começámos cá a jogar sempre cedo, era cartas. Novos, começava-se a jogar. De princípio, ao burro. Daí, à bisca de quatro, à sueca e tudo isso. Dominó, também ainda se jogava por aí, mas isso já era mais tarde, com mais idade. Fora disso era só as cartas. Eram os jogos que havia e antes disso era os que eu estou a dizer.

Casa "Até o vento puxava a neve pelas frinchas"

Lembro a minha casa de quando era pequeno. Era de soalho e frontal de madeira. Estava-se à cozinha e se começava a nevar, até o vento puxava a neve pelas frinchas das lajes para dentro. Era assim. Havia aquelas cozinhas fundas. As pessoas tinham a lareira acesa, sentavam-se todos ali de volta. Secava-se as chouriças na parte do Inverno. Havia às vezes até aquela brincadeira de se juntarem os rapazes uns com os outros e dizer:

- "Vamos fazer isto ou aquilo."

Ia-se a casa às escondidas dos pais e, pumba, toca a ripar uma chouriça. E vamos embora levá-la para a paródia. Tinha que ser assim.

Educação "Tinha 13 anos quando fiz a quarta classe"

Quando fui a primeira vez para a escola, era numa casa que há ali junto ao posto médico. Está agora de branco. Aí é que eu fui a primeira vez à escola. Daí, fizeram lá em cima.

"Por sorte, tocou-me a mim"

Nessa, que havia aqui na povoação, tinham lá uma Cruz dentro, um crucifixo. Nunca mais me esqueço. Botaram números de quem é que havia de levar a Cruz lá para cima. Logo por sorte, tocou-me a mim. Eu é que a levei. Nós aí todos de fila até lá em cima com a cruz no braço. Quando lá cheguei, já me doía o braço.

Lá em cima, já fiz a primeira classe e tudo. Aqui em baixo, não cheguei a fazer passagem nenhuma. Lá é que se usava uma bolita de borracha, aqueles que tinham, ou então uma bola feita com farrapos. Também se jogava lá esse jogo das pedras, um de um lado e outro de outro e vamos lá ver quem é que vira mais vezes.

A respeito de escolas, isto aqui foi sempre mau. Íamos daqui a Pomares esperar a professora. Vinha uma professora ou uma regente - naquele tempo era

regente -, estava aí um mês ou dois e daí, ia-se embora. Não vinha mais ninguém. Quando entrei na escola, houve uma altura que veio uma professora dois ou três meses. Depois, foi-se embora. A seguir, veio para aí uma regente que era Maria de Lurdes. Era da Abrunheira de Coimbra. Esteve cá então três anos. Com ela, fiz a primeira, a segunda e a terceira classe. Foi-se embora, também. A seguir, não veio mais ninguém nesse ano. Ao outro ano, veio uma regente que era até do Alentejo. Mais tarde, casou com um rapaz de cá. Fiz a quarta classe com ela, mas já tinha 13 anos, se não estou em erro. Quando fiz a primeira classe, tinha já 9 anos. Tinha 13 anos quando fiz a quarta classe. Entre os 13 e os 14. Era assim a vida.

O padre professor

Ainda havia cá o padre na terra. Nessa altura, era o padre Ilídio. Começou a dizer para o meu pai, para os pais de outros aí, que ia ensinar a gente. Mas ele batia tanto ou tão pouco, que a gente não gostava muito de ir para lá para ao pé dele.

Arrearam-nos assim bem

Uma ocasião, fôramos, eu mais os outros. Íamos para lá à noite, para ir para a escola, mas íamo-nos meter era na torre da igreja. O meu pai e os outros souberam que nós estávamos lá, foram lá e arrearam-nos assim bem. A gente, a partir daí, mais ganhava medo e não ia lá ter com ele à escola.

Uma vez fui lá, tive receio dele e fugi. Fui-me esconder. Estive dois dias sem aparecer em casa. É verdade isto. Os meus pais andavam aí por um lado e por outro à minha procura a chorar e eu estava dentro da casa dos meus avós escondido. Quando apareci, levei tamanha carga de porrada que até andava tudo de roda.

É assim a vida. Foi sempre um bocado... Por isso, a gente aqui não estudava, nem nada disso. Não era como os tempos de agora. A gente sempre trabalhava. Naqueles dias que ia à escola de manhã - ou ia de manhã e de tarde, que havia os dois -, no fim de vir da escola ia para os outeiros com as cabras. Não ficava aqui em casa a olhar para isto. Íamos todos. E assim foi a vida andando até ter aí 15 anos.

Religião "*Nunca fui muito amante disso*"

Sou religioso. Não sou muito praticante. Não sou muito amigo de ir lá, mas se calhar respeito mais do que aqueles que lá vão. Eu nunca fui muito amante disso. Não que me estorvasse, mas nunca fui muito amante disso. Pode não ser grande gabo, mas não gostava assim muito. Apesar que também fiz a Primeira Comunhão e a Comunhão Solene. Também fiz isso tudo. Era assim a vida.

Namoro *Os namoricos e o namoro sério*

"Se vinha de vir o pai ou a mãe, fugiam"

Eu, com 17 ou 18 anos, ou até antes, já andava atrás das raparigas para ir para um lado e para o outro. Isso para onde eu ia era sempre palheta com elas. Quando a gente começou a ser novo, começou a ter 15, 16, 17 anos, entretinha-se ali no rio em baixo, no barroco. As raparigas iam para lá lavar a roupa e a gente entretinha-se na palheta com elas até à tarde. À tardinha, ia-se buscar o molho de lenha para queimar no Inverno. Noutras alturas, quando se iam deitar as cabras para esses outeiros "pia cima"¹, juntávamo-nos todos. Rapazes e raparigas, aquilo até era uma festa, uma paródia uns com os outros. O dia passava-se que era num instante. Andava-se lá. À noite, regressava-se cá à povoação. Ia-se meter o gado, as cabras no curral, que se tinha, e daí vinha-se para casa. Comia-se qualquer coisa e juntavam-se aqui adiante num largo que havia ali. Os rapazes passavam horas e horas na conversa uns com os outros. Até certas alturas, havia alguns que cantavam, tocavam uma gaita, uma flauta e aquilo tudo. Era assim a vida cá. Muito trabalhosa, mas um pouco mais divertida que agora, mais alegre.

A vida foi sempre andando. Escusado será dizer que essas coisas a gente é que sabe como é que era. Mas era assim. A gente, supomos, começava a namoriscar aí com uma rapariga. À noite, nesses cantos assim mais escondidos da povoação. Punha-se ali na palheta, a conversar uns com os outros. Se vinha de vir o pai ou a mãe, fugiam. Não é como agora.

- "Vem aí o teu pai, vem aí a tua mãe, vai embora."

Agora, não. Agora, é tudo diferente. Naquele tempo era tudo sempre às fugidas.

¹por aí acima

"O meu pai queria que eu casasse com outra"

A minha mulher é cá da terra. Começámos a namoriscar um com o outro tinha quê? Uns 16 anos, talvez, ou nem isso. O que é, andava-se dois ou três meses a bem e um mês ou dois zangados. Ia-se atrás de outra, era assim.

Mas lá andámos, até que casei com a minha mulher, ao fim de seis anos ou mais que andámos a namorar um com o outro. Contra a vontade dos meus pais. Do meu pai. Não da minha mãe, mas do meu pai. Isto cá antigamente casava-se com os bens. As famílias gostavam de quem tinha mais alguma coisa. O meu pai queria que eu casasse com outra rapariga. Eu entendi que não havia de ser e pronto, fui à minha vontade. Não estou arrependido por isso, nunca me arrependi. Mas foi assim. O meu pai nem ao meu casamento foi, por causa disso. Isto são tudo coisas que se passaram.

Casamento "Casava-se e ao outro dia ia a caminho do trabalho"

Naquela altura, quem se não casasse pela Igreja, não era ninguém. Era até censurado. Não sei se seria bem se seria mal. Hoje em dia, já se casam só pelo Civil. Mas naquela altura, cá nesta zona, não havia casamento sem ser pela Igreja.

Não havia cá aqueles fatos compridos delas nem nada. Era um vestidozinho claro. Eu era um fato assim um bocado para o cinzento-escuro em antracite. Não fôramos para o restaurante. Foi em casa dos pais dela que se fez o casamento. Eles é que fizeram o comer. Convidava-se familiares mais chegados e pronto. Os casamentos cá eram sempre assim. Agora é que já não, já mudou tudo. Já é como para baixo para as cidades. Naquela altura, cá, o casamento era feito em casa das famílias com aquilo que tinham deles, praticamente. Quando se casavam, matava-se duas ou três cabras ou uma ovelha, faziam arroz-doce, faziam tigeladas, fazia-se pães-de-ló. É o que se hoje cá come em sobremesa, o que as pessoas gostam de comer cá. É tigelada e isso desse tempo já muito antigo. A tigelada já é muito antigo. É o doce tradicional da terra, cá da serra. Comiam. O comer era geralmente sempre isso.

Depois, não se iam passar oito, nem quinze dias aí fora. A gente casava-se e ao outro dia ia a caminho do trabalho. Não havia cá folgas. Também não era preciso.

Percurso profissional *Uma vida de muitos trabalhos*

"Ganhava o ordenado que ganhava um homem"

Depois de fazer a escola, fiquei aqui na mesma. Fiquei cá na povoação. Ao fim, é que se começa a trabalhar mais, porque, quando se andava na escola, a gente ainda folgava aquele tempo. Com 14 anos, comecei a trabalhar no duro. Naquela altura começava-se cedo, para se ganhar alguma coisa. Fui para a Malhada Folgarosa cortar mato na floresta. O encarregado era um senhor do Soito da Ruiva, Fernando Lopes. No fim de andar dois ou três dias:

-Então e como é? O meu ordenado?

-"O teu ordenado vai ser igual ao dos outros homens. Tu mereces o mesmo que eles merecem, fazes igual!"

E era. Ganhava o ordenado que ganhava um homem, porque fazia o trabalho de uma pessoa adulta. Havia malta de cá da terra, com a minha idade, que tinha um ordenado mais baixo, porque não davam o rendimento preciso. Eu sempre fiz por isso. Fui sempre prezado por isso.

Comecei a ir para as estradas, para a floresta, para um lado e para o outro. Não é para me gabar, mas para esses trabalhos, fui porque queria. Não que me mandasse o meu pai nem a minha mãe. Queria ir junto com os outros. Fui para a estrada e para a floresta cortar pinheiros, aí para um lado e para o outro. Começaram a cortar os pinhais para as serrações. A gente a cortar os pinheiros, eram 20 escudos cada metro. Cortá-lo, cascá-lo e empilhá-lo. Andei aí junto com os outros numa mata da Junta da Vide em Balocas. Íamos à segunda e vínhamos ao sábado. Ficávamos lá toda a semana. Dormíamos no meio do mato. Fazíamos o comerzinho e lá comíamos e dormíamos. Era assim.

Também andei na estrada lá por trás da serra. Não é aquela quando se vem de Côja. É aquela que vai daqui, tem aquelas curvas enroladas e ao fim se vira para o Vale de Maceira. Ajudei a fazer essas curvas aí "pia baixo"². Uma vez, era com uma barra a minar. Outras vezes, uma picareta... Uma vez, passei lá e pensei:

- Quem me dizia a mim que eu ajudava a fazer isso e que passava aqui ao fim, mais tarde, com um carro?

Naquela altura, se me dissessem isso, eu dizia que era mentira. A vida modifica-se muito. Ajudei a fazê-la e ainda foi um bocado bom. Foi dali até lá

²por aí abaixo

em diante ao Vale do Espinha. Andei lá a trabalhar, também. Trabalhei aí até aos 18 anos. Foi sempre uma vida dura até que cheguei a altura de ir à inspeção.

"Era conhecido pelo Arganil"

Fui à inspeção e fiquei apurado. Lá vou eu para a tropa. Andei lá três anos. A primeira vez que saí daqui foi quando fui para a tropa. Antes, tinha ido a Arganil uma vez ou duas. A Oliveira, nunca tinha ido. A Avô, tinha ido muita vez. À Vide, ia todas as semanas, porque tínhamos lá casa, que o meu avô era de lá. Tinha ido uma vez a Coimbra, com uma tia minha ao médico.

Tinha eu 19 anos quando fui para a tropa em Coimbra. Nunca mais me esqueceu onde estive. Foi o dia da Queima das Fitas. Sei onde comi, onde até bebi qualquer coisa de passagem e tudo isso. Ainda hoje, cada vez que lá passo, me lembro disso. Há tanto ano que entrei naquele tasco. Logo a seguir à portagem para baixo. A gente chega ali à portagem, desce aquela escadita que vai para a Praça Velha e ali há um tasco. É o Manel. Foi aí que eu comi a primeira vez que fui a Coimbra.



António Fontinha na tropa (1962)

Às vezes, até havia aquela coisa quando se ia para a tropa. A malta de cá:
-"Eh, pá, nós lá assim e assado. Topam que vocês nunca saíram daqui."

Para mim, não achei graça a nada. Fui daqui, juntei-me com outros, fui para as Caldas. Eu era conhecido pelo Arganil e nas Caldas lá junto com eles, nunca ninguém disse assim:

-"O Arganil nunca tinha saído da terra."

Nunca toparam se eu tinha, se não tinha. Também era assim um bocadito para o vadio cá, naquela altura.

Vim da tropa, voltei novamente e ainda fiquei aqui um ano ou dois.

Da Lisnave até ao regresso à terra

Assim se passou a vida cá até ter aí 20 e tal, 25 anos. Estive assim aí. A seguir, casei-me, tive que perguntar a vida como os outros. Fui para Lisboa, trabalhar para a Lisnave. Estive lá 14 anos. Ao fim de 14 anos, puseram aquela coisa de quem queria vir embora podia vir. Eu fui logo dos primeiros. Não estou arrependido por ter vindo. Alguns arrependeram-se por terem deixado aquilo, eu não. Só tenho dito muita vez:

- Nunca devia foi ter para lá ido!

Aquilo não fazia bem a ninguém, não dava saúde nenhuma. Aqueles gases que se ali respirava, aquilo tudo não dava saúde a ninguém. Vim de lá, ainda fiquei um tempo lá em baixo. Vendia umas frutas. Vim para Coimbra, pus um minimercadinho. Lá estive também 20 anos. Agora, é que regresssei outra vez cá para cima. É assim a vida.

Costumes *Festas e produtos da terra*

"Andavam aí dois meses antes a enfeitar os andores"

Aqui a festa era de dois em dois anos. Um ano era a festa da Igreja, no outro ano faziam a do São Pedro. No ano em que não faziam a da Igreja, era a do São Pedro. Mas música, havia todos os anos. Vinha música e botava-se fogo com fatura. Agora, já não botam nada.

A missa de festa não é como agora. Agora, há missa de festa e o próprio padre vai sozinho e diz a missa. Naquele tempo, eram quatro ou cinco padres. Chamava-se a missa de pontifical. De vez em quando, vinha cá o bispo nesse

dia. Não era todos os anos, mas vinha de vez em quando. Ia a música tocar lá na igreja, cantavam a missa, era assim. Havia os miúdos pequenos, que iam fazer a Primeira Comunhão e havia os da Comunhão Solene. Havia, supomos, uma missa de manhã para os que faziam a Comunhão e havia a do meio-dia que era a missa da festa.

Quando ao fim acabava a missa, saíam os andores com os santos, iam ao cemitério e voltavam para cá. Cada um ia num andor. Andavam aí dois meses antes a enfeitá-los. Ao fim daquele dia, saía tudo. Naquele tempo a procissão era bonita, porque era grande, quase que chegavam lá ao cemitério. Dali adiante de onde está a Casa do Povo, chegavam lá e voltavam sem desapegar.

No fim disto tudo iam almoçar e, ao fim, era todo o dia aí a tocar a música. Era assim a festa cá. Todas as pessoas matavam uma cabra para se comer. Todos tinham gado deles, não compravam. Agora compram um bocado. Disso, ao menos, havia fartura. Nessa altura é que a comida era boa. O que se comia era cultivado cá e sem adubos, só com os estrumes. Agora, já não é nada disso. É só adubo que se bota para aí.

"Qualquer pessoa dava uma chouriça, um bocadinho de carne"

O Natal cá não era festejado como hoje se festeja. Não. Havia o Natal, havia aquela tradição do Menino Jesus, aquela coisa toda, mas não havia aquela festa em casa como agora. Não era nada como agora. Ia-se levar umas couves a um vizinho para cozer com um bocado de bacalhau, mas em casa, em própria casa.

Fazia-se a fogueira naquele largo onde há aquele restaurantezinho. Antes de haver este aqui, lá é que se parava. Lá é que se juntava tudo no mesmo dia de festa, é que se botavam as ofertas a lanço, se vendia, se divertiam, é que tocava a música. Tudo, era além, não era aqui. Desde que ao fim fizeram isto, é que vieram para aqui. Mas primeiro era lá adiante. Lá é que era a tradição de estarmos todos.

No Ano Novo, geralmente, a minha mãe fazia em minha casa um comer mais diferente dos outros dias. O meu pai fazia anos no dia de Janeiro, no dia de Ano Novo. Nasceu em 1907, a 1 de Janeiro. Quando era dia de Janeiras, a gente ia dar a volta às casas a tocar qualquer coisa e a pedir. Qualquer pessoa dava uma chouriça, um bocadinho de carne. Geralmente, os senhores que tinham a taberna davam um bacalhauzinho. Daí, juntávamo-nos todos e íamos cozer isso tudo numa panela e comíamos. Era dia de Janeiras e pelos Reis. Eram os dois dias. No dia de Reis também se fazia isso, mas mais importante era o dia de Janeiras.

Na Páscoa, quando éramos pequenos, havia a tradição de ir pedir o foliar ao padrinho ou à madrinha, mas de resto era umas amendoazitas e era quem era. Eram os figos em Janeiro e mais nada.

"Com o milho vermelho, havia aquela brincadeira"

Apanhava-se o milho, punha-se em casa e malhava-se. Malhar o milho era debulhar. A gente, cá, uma parte, era com um pau que se debulhava. Ao fim, o resto era à mão. Íamos um dia a um lado, outro dia a outro. Juntavam-se todos para debulhar. Todos, não era bem o termo. Em minha casa, eu convidava aquelas pessoas que mais confiança tinha. Juntavam-se ali rapazes e raparigas. As raparigas cantavam. Geralmente, onde caíam as raparigas novas, caíam os rapazes. Sempre. Às vezes, naquele tempo, aparecia uma espiga com o milho vermelho e havia aquela brincadeira.

- "Olha, apareceu aqui uma espiga vermelha!"

- "Olha, uma espiga vermelha. Um beijinho! Vamos lá embora!"

E começavam com aquelas brincadeiras que havia. Era quase todos na brincadeira. Onde caíam raparigas e rapazes, aí é que se juntava sempre tudo. O resto eram os velhotes.

Ao outro dia, era para os estendais, para ao pé do cemitério, para secar. Lá estava a pessoa a carregá-lo às costas outra vez para lá. E dali se secava. Andava ali três, quatro dias ao sol. Daí, tornava a vir para a arca e da arca para o moinho para fazer a farinha. Moía-se o grão, ficava a farinha. E fazia-se o pão. Não vinha cá o padeiro vender.

Cada um tinha o seu moinho. Isto aqui na ribeira "pia baixo"³ havia muito moinho a água. Ainda estão aí. Quase todas as famílias tinham um. Geralmente, todos tinham parte de um. Era dividido por dias e noites. O moinho de onde o meu pai tinha parte era do meu bisavô. O meu bisavô morreu, ficou para os quatro ou três herdeiros. Era a minha avó, era o António Francisco, o Abílio Francisco e o Artur. O Artur foi para a Figueira, ficaram cá três. Ficou para três. Mas ao fim, essa parte desses três, no tempo do meu pai, já era de 12. De nove em nove dias já tocava só um dia com uma noite ao meu pai. Por acaso, ele até moía bastante milho.

Todos tinham onde moer. Ninguém pagava nada a ninguém para moer a farinha, porque havia muitos aqui, mesmo muitos. Tinham é que os mandar arranjar, afinar e aquilo tudo. Ainda havia: um, dois, Pascalhal três, Cerejeira Preta quatro, os da Covita cinco, o nosso seis, o da Ponte de Cima sete, o da Ponte de Baixo oito, o dos Chãs nove e lá vai o dos Castanheiros dez. Só aqui para a povoação, dez moinhos a moer o milho para fazer o pão para todos. Ao fim, já fizeram mais alguns.

³por aí abaixo

Para cozer, havia o forno comunitário que ainda hoje existe, só que não está a trabalhar. Havia mais. Naquele tempo havia mais dois fornos. Era um do senhor Antonino lá em cima e era um, que foi do meu avô, que era aqui onde está a parte de trás da igreja. Quando lá a assentaram é que o botaram abaixo. A igreja levou um acrescento nessa altura e deitaram esse forno abaixo. Era onde se fazia o pão.

Começava a cozer, supomos, à quinta-feira à noite. Era até sábado à meia-noite, sempre a cozer broa. Cada um a sua. Agora cozia eu. Outro juntava-se, porque o forno levava 40 broas. A seguir, tirávamos as nossas, punha lenha para dentro a arder e metia outro pão lá dentro. Entrava esse, saía outro. Aquilo era assim, por vezes.

Ao ir para o forno, as mulherzinhas punham um sinal nas broas. Uma fazia-lhe um buraco só com um dedo, assim um coisinho com o dedo. Outra apertava um bocadinho de farinha. Chamava-se cá um belisco. Outra punha dois buracos e outra punha-o sem nada. Quando estava cozido tiravam-nas para fora que todas elas se conheciam por aquele sinal.

"Naquela altura é que se comia bom azeite"

A azeitona, cada um apanhava mais ou menos a sua. Apanhavam-na, iam-na juntando em casa com tempo e daí ia-se moer ao lagar. Havia cá dois lagares: um aqui e outro na Foz d'Égua.

A gente, naquele tempo, ia todos os anos com os rapazes. Juntávamo-nos pelo menos duas vezes: na colheita do azeite e onde se fazia o azeite. Nessa altura, compravam um bocadinho de bacalhau ou levavam uma chouriça, assavam lá e comia-se lá junto com os homens que faziam a amassa. Juntávamo-nos, íamos sempre ao lagar comer um cabrito ou um bacalhau com batatas e couves com bastante azeite. Com um garrafão de 5 litros de vinho, íamos para lá todos, era uma festa. Ainda assisti, muitas vezes. Ainda hoje tenho saudades disso.

Naquela altura é que se comia bom azeite, não é agora. Naquela altura, nós aqui tínhamos tudo o que era bom. Não era coisas de luxo, nem nada disso, mas o que se comia era são, era puro. Agora, a gente compra desse azeite que vem nas garrafas, nem sabe a azeite, nem sabe a nada.

"Segurávamos o porco por maior que ele fosse"

Toda a gente criava um porco. Até havia quem criasse dois. Os meus avós criaram sempre dois e o meu pai, mais tarde, também. O dia em que se matava o porco, era um dia de união da família. O meu pai - e quem diz o meu pai diz os outros todos - convidava os irmãos e irmãs da mulher, juntava-se tudo para a

matança do porco, para se comer. Chamava-se cá a isso a burzigada. Cá, davam-lhe esse nome.

Havia alguns que o matavam só na parte da tarde a seguir ao meio-dia. Em casa dos meus avós e do meu pai era sempre de manhã. Juntava-se a família de manhã, matava-se o porco chamuscava-se, tudo isso. Ainda hoje gostava de fazer. Gostava de criar um porco e juntar uma irmã que tenho e o cunhado, os meus filhos e os meus sobrinhos:

-Vá! Vamos matar o porco!

Antigamente, a gente segurava-o. Apanhava-o três pessoas. Por maior que fosse o porco, duas pessoas e a pessoa para o matar chegava bem. Não era preciso mais. Eu com um tio meu segurávamos o porco por maior que ele fosse. Não fugia! Tinha força, mas não fugia. Eu deitando-me em cima do banco, tanto ele fazia esperar como não. Dalí é que já não saía mais, senão quando a gente o tirasse morto. Eu gostava de passar por aquilo.

Era chamuscado com carquejas que se iam buscar aí do mato. Não era com maçaricos. Chamuscava-se, daí rapava-se com uma faca, lavava-se bem lavadinho, tudo isso. Até a carne tinha outro gosto, outro cheiro, de ser chamuscada com o mato. As carnes cá eram muito boas. A carne de porco era boa. Era mesmo gostosa. Acabava-se de chamuscar, de o limpar, de o lavar, pendurava-se, punha-se o sangue que ele tinha botado, cozido com um pão. E tinto. Ao fim, ao meio-dia, havia o almoço. Já se começava a comer do porco. Ao meio-dia e à noite. Ainda hoje tenho saudades disso. Ainda hoje gostava de criar um porco só por causa disso. Faz-me mal a carne de porco, mas tenho pena dessa tradição.

Dava para fazer chouriços, dava para fazer presunto e tudo isso. Era salgado na salgadeira. Não havia arca congeladora. Não havia cá luz. Salgava-o, comia um bocadinho todo o ano e não se morria por causa da carne de porco estar salgada. Hoje morre-se por causa da carne de porco não estar fresca. Não percebo isso. Naquela altura, era assim que era conservada.

Cada um matava o porco e fazia aquelas partes que era para fazer as chouriças. Havia isso assim. Ao outro dia era desmanchado. Como a gente dizia, era posto numa arca com sal, os presuntos eram esfregados com sal, eram postos na arca, ficava ali tudo encamadinho e daí ia-se comendo um bocadinho cada dia.

Era regrado para todo o ano. Deixava-se um bocadinho de um presunto do pé para cozer na sopa no dia em que se matava o outro ao outro ano. Para a sopa ficar melhor. Hoje em dia dizem que isso faz muito mal. Naquela altura, fazia bem. Não percebo. Antes, iam ali até aos 90 e tais. Agora andam alguns, mas andam aí encostados a um pau de qualquer forma e feitio.

"Aqui bebia-se muita aguardente"

Naquela altura, comiam e bebiam o que tinham. Não comiam nem bebiam mais, que não o tinham. Toda a gente tinha queijo com fartura para comer. Toda a gente criava um porco e matava. Toda a gente tinha essas coisas. Hoje em dia, não. Havia muitos que conforme o tinham, vendiam. Vinham aí umas pessoas comprar. Outros não vendiam. Conforme o tinham, assim gastavam. O vinho cá é verde, é fraco, mas muitos não bebiam mais, porque não havia. Bebiam aguardente e tudo. Aguardente então... Aqui, bebia-se muita aguardente.

Havia muita aguardente de medronho, nessa altura, aqui. A partir aí de Setembro, Outubro a gente passava o tempo a apanhar medronhos por esses outeiros. Eu tive anos de apanhar medronhos que davam cento e tal litros de aguardente.

Metia-se o medronho numa dorna e ele ferve, fermenta. Ao deixar de ferver, vai ao alambique e deita aguardente. Ao alambique antigo, não é como eles agora. Usam essas máquinas que não valem nada. Eu, por acaso, ainda tenho um alambiquezito desses antigos. E como fazia, ainda sei fazer.

No ano passado, apanhei uns cachitos e ainda fiz aguardente. Só que não a posso beber. Não posso, mas de vez em quando lá vai. O médico diz que faz mal. Faz mal, mas eles bebem-na.

Uma bebia-se, outra dava-se e tudo se gastava. Ia tudo. Agora não. Fala-se tanto nisso. Não há aí ninguém que vá apanhar nada. Os medronhos que por aí há, está tudo na mesma, estão todos cheios de mato. Naquela altura, apanhava-se tudo. Apanhava-se medronhos, apanhava-se castanhas, apanhava-se tudo. Agora não há cá gente para trabalhar. Isto está um bocado mau. É assim a vida. Isto aqui foi sempre duro.

"Diziam que apareciam aí medos"

Antigamente, diziam que apareciam aí medos. Desaparecendo o sol, aparecia isto e aparecia aquilo. Até ainda agora se diz. Apareciam essa coisa de lobisomens, bruxas. Isso sempre se falou, mas isso é tudo mentira. Havia alguns que até diziam que elas lhes deitavam a água fora do moinho e daí tornava a tapar, mas, para mim, nunca me aconteceu isso.

Uma vez, quando estava na tropa, vinha à boleia. Nem que fosse meia-noute, nem que fosse uma hora, vinha a pé para casa. Passei lá em baixo por uma terra. Andavam lá umas gajas a dançar. Digo assim:

- Isso será bruxedo ou que é isto a esta hora aqui?

Mas não era. Era dias de festa, que lá tinham de família. Andavam entretidos com isso. Mas sempre disseram que havia essas coisas. Ainda hoje se diz. Havia os lobisomens, havia isto, havia aquilo. Até havia quem dissesse que antigamente, pondo-se o sol, já começavam a ver coisas aí por um lado e para o outro, mas eu nunca vi nada. Felizmente, nunca vi nada. Nunca me meti muito nisso.

Lugar *Uma aldeia à antiga*

"Os terrenos é tudo cavado à enxada"

Antigamente, viveu-se muito à base do gado, de cabras, da pastorícia. Quase todos tinham uma cabrada de 100, 150. Os filhos, os mais velhos, é que iam andando com elas. Quando saíam para qualquer lado ou se casava ou qualquer coisa, ia o outro a seguir. Era sempre assim que eram substituídos.

Era uma vida de trabalho. Sofreu-se muito aqui nesta terra. Ia-se ao mato à serra, trazia-se às costas, punha-se na loja a lenha e ali se guardava para queimar todo o Inverno. O mato, o estrume. O renovo era todo carregado às costas lá dos bocados para cima, para casa. O renovo que é o milho, vinho, batatas. Tudo isso a gente chamava cá o renovo. Era tudo carregado. Não é como agora. Não havia burro, não havia nada. Nós é que éramos o burro! Agora, há carro para tudo. A gente até o sal que punha na comida tinha que o ir buscar a Lourosa, a Oliveira de Hospital, a Avô, isso assim. Tudo o que era preciso ia-se lá. Três, quatro horas a pé, sempre. A vida cá era muito dura.

Basta dizer que aqui os terrenos é tudo cavado à enxada, tudo a pulso. Quando vinha aí Março, começavam-se com as sementeiras. Era cavar a terra, semear. Em Abril, começavam a sachar os milhos. Sachava-se, empalhava-se, "enleirava-se", que cá o milho era "enleirado". "Enleirar" era pôr estrume e calcar com um sacho para a água correr e não levar a terra, visto que são terrenos muito elevados e a água a regar levava a terra toda. Era esse trabalho. A seguir a isso, começava-se com a faina de regar os milhos, todas as semanas. Havia águas que era de poças. Havia aquelas águas que eram correntes aqui no rio. Cada um tinha o seu dia. Tapava-se e regava-se de oito em oito dias, mais ou menos. Nove, dez. Havia aí regadias com 17 dias. Fazia-se a vida, regava-se. Na parte do Verão, ia-se de manhã regar ou fazer outro trabalho qualquer. A vida aqui não era fácil. Aqui, era dura a vida.

Naquele tempo, na altura das sementeiras, de cavar as terras para semear o milho, ajudavam-se uns aos outros. Aqui pouco havia de dinheiros. Eu ia ajudar

aquele a cavar a terra. Naquele dia tal, combinávamos, vínhamos todos para mim. Outro dia, íamos para o outro. Era assim a vida. Não havia cá dinheiros a pagar. Só no fim da época de se ter a sementeira feita, é que se juntavam:

- "Olha, andei tantos dias para ti e tu andaste tantos para mim. Há um dia de volta que tenho que pagar ou tens que tu pagar."

Uma vida mais pura, que não é agora. Agora, cada um olha só para si e mais nada.

O trabalho era um bocadito puxado, o que é, entre todos, levávamos isto numa reinação. Supomos, íamos ao mato. Quando vínhamos, juntávamo-nos naquele sítio, onde se costumava descansar um pouco. Juntávamo-nos ali muitos. Conversava-se ali se estava um bocado bom. Daí, é que se vinha. Tornava para o outro lado até que se chegava a casa, à povoação, com o gado. Supomos, uns era para aqui, outros era para a Foz d'Égua, outros era para acolá. Cada um carregava o mato para o seu sítio. Ao fim, o estrume tornava a ser às costas. Era assim a vida aqui.

A vida aqui foi sempre muito dura. Agora, isto foi andando, foi-se modificando. Se a facilidade que há de estarem aqui na terra com empregos, houvesse nessa altura, isto nunca se teria despovoado como despovoou. Mas naquela altura não havia nada. A malta, conforme fazia 20 anos, 18, era obrigada a ir embora perguntar a vida. Assim, isto chegou ao que está. Hoje em dia, quer-se uma pessoa para trabalhar e não há cá ninguém da terra. Não há ninguém. Tem que vir tudo de fora por causa do abandono a que botaram as terras das aldeias. Ninguém puxava para cá nada nem o quê. Agora é que havia de haver cá a gente que havia naquele tempo. Era para trabalhar e era para se comer o que era bom, que aqui se produzia. Agora, tudo o que se come aqui vem de fora. O que era bom naquele tempo já lá vai.

Também houve uma parte que, para ganharem qualquer coisa de dinheiro para poderem comprar certas coisas, fazia carvão. Arrancavam aquelas torgas que há aí. O mato vermelho que dá flor, de que as abelhas fazem o mel. Aquilo era arrancado, era queimado numa cova e daí era ensacado. Ia para as aldeias grandes. Era para fazer o comer no tempo que se usava o fogareiro a carvão, antes de vir o gás. Aquele fogareiro para fazer os grelhados. Antigamente havia uns em barro. Levava ali o carvão em cima. Tinha uma coisinha assim em triângulo, onde se punha o tacho a ferver. Era assim feito o comer nas cidades. Nós, aqui, era com a lenha. Foi sempre o comer feito com lenha. Não havia outra coisa. Era pôr a panela ao lume, aquela panela de ferro com três pernas. Logo de manhã, era a primeira coisa que as mulheres faziam. As pessoas e o marido iam para o mato. Ela ficava em casa. Punha essa panela ao lume a ferver para cozer o feijão. Quando eles vinham, começavam a comer. Vinha-se do mato, chegava-se a casa,

almoçava-se às oito horas, nove horas, à hora que chegasse. Ao meio-dia, outra refeição. À tarde outra e à noite outra. Eram quatro vezes que se tinha que comer.

"A povoação primitiva"

Há pessoas que sabem explicar porque puseram este nome. Segundo o que dizem, a povoação primitiva não foi aqui. Era mais para baixo. Antes, foi lá abaixo nas Casas Piódão. Chamam lá as Casas Piódão. Daí, veio cá para cima. Até dizem que a origem disso foi o mel. Lá baixo era mais quente e as formigas metiam-se nisso. Não sei se era se não. Também não sei explicar. Era aí. Mesmo assim, já tem muito ano isto. Já tem muito aninho! Há aqui casas com muito ano. Aqui onde está o largo da igreja, eram terras de cultivo. Era uma rua estreita, diferente do que está agora. Ia direito ali à igreja. O largo maior que tínhamos era aquele lá adiante à beira do restaurante.

A minha casa nunca teve a porta azul. Era pintada, mas não era azul. Era um castanho-escuro. Mas o azul foi sempre o que se cá usou no Piódão. Havia poucos que não fossem. Tradição. Quem não pintasse a porta e os caixilhos das janelas de azul, já não estava bem. Portas e os lados das janelas de azul e o resto branco.

Quando veio a luz, já não se espantaram muito, porque já havia nestas terras aqui à volta. Foi igual com a televisão. Já ninguém se admirou, porque já havia nas outras terras. Nessa altura, já uma grande parte tinha visto.

A princípio, a luz era com um candeeiro a queimar azeite. Com as lanternas, com as candeias. Punha-se um bocadinho de trapo torcido - chamava-se a torcida -, acendia-se o fósforo e era aquela luz que havia. Mais tarde, veio o candeeiro a petróleo. Quem tinha de regar esses bocados de noite, iam regar com essa lanterna a queimar azeite. Era assim a vida.

Antes, só havia esses chafarizes. Mas havia aquelas nascentes em volta do povo, que sempre houve. Ali debaixo do posto de turismo, há um nascente de água. É boa. Iam apanhar a água nesses sítios. Daqui de baixo é que está a água a sair ali para o barroco. Também era boa. Ainda hoje lá vão algumas pessoas para beber. Na altura no Verão, também lá ia. Mais tarde, parece-me que em 1939 ou 1940, puseram estes chafarizes. Mas foi água tirada na mesma calda. Ao cimo do povo é que a canalizaram. Antes, não. Iam buscá-la a estas fontes, que eu estou a dizer. A Fonte dos Algares é que era o sítio de se ir à água. Era outro ali em diante e outro ali em cima. Mais tarde, puseram estes chafarizes, já em 1940, se não estou em erro. Está além escrito no fontanário. Foi quando eu nasci.

As casas de banho era em volta do povo nos bocados. Era ao ar livre. Até vou contar uma muito boa. Geralmente, a pessoa tem sempre a coisa de ir fazer

as suas necessidades logo de manhã. Eu ia ali acima para um bocado que temos, a que chamam o Cimo do Chão. Ia-se à ponta do cômodo e só se via mulheres com o cu branco por ali abaixo. Era assim a vida. As casas de banho eram todas em volta da povoação, não é como agora. Era no campo. Uns levavam um papelinho disto, outros daquilo e alguns até limpavam a umas folhas de umas ervas quaisquer que houvesse ali à mão. Não havia outra coisa. Não havia cá papel higiénico. Nem cá, nem aqui à volta em lado nenhum.

"Andava descalço e espetou-se-lhe a brocha"

O agasalho era conforme se via. "Deus Nosso Senhor manda o frio conforme a roupa". A pessoa tinha que aguentar. A roupa era aquela com que se habituava a andar e pronto.

A maior parte do calçado que se cá usava era tamancos. Em princípio, andava-se muito descalço. Ainda me lembro quando, às vezes, caíam aí grandes nevões. Andava-se descalço em cima da neve e não fazia mal nenhum. Quantos, quando eram pequenos, não andavam aí em cima da neve sem roupa por baixo, sem calças, sem nada. Iam andando. Quando eram pequenitos, andavam assim. Mas nada fazia mal. Tudo aquilo fazia bem. A gente ia aí pelas serras, pelos outeiros acima. Quando a neve encaramelava, parecia que andávamos em cima de um sobrado. A neve, naquele tempo, estava um mês sem daqui sair da povoação. A gente, muitas vezes, levantava-se de manhã, abria a casa e estava ela pelo meio da porta. Para se ir buscar a água, que não havia distribuída, ia-se à fonte. Muitas vezes, chegava-se à torneira e a água estava congelada lá dentro. Era preciso levar uma pinga de água quente de casa, para botar em cima da torneira para ela descongelar. Acontecia muita vez isso cá. Agora, já cá não caem nevões como caíam naquele tempo. Cai hoje, amanhã vai-se logo embora. Naquele tempo não, caía bem.

As mulheres e as raparigas usavam umas tamancas abertas. Há sítios em que ainda se vê isso a vender. Até era quente por causa de ser madeira por baixo. Tinha umas brochas grandes espetadas na madeira. Contavam aí que uma ocasião, uma pessoa cá na terra espetou uma brocha no pé. Andava descalço e espetou-se-lhe a brocha. Aquilo tinha um espigo grande. Chegou a casa e disse assim:

- "Olha, vê-me lá, pá. Parece que se me espetou aí um pico."

E era uma brocha que lá tinha agarrada! Tal era a grossura do courato do pé. Era assim a vida.

"Nessa altura os remédios era muito à base de ervas"

Aqui da minha lembrança, o médico era o doutor Vasco de Campos, de Avô. Tem um filho que está lá agora que é médico também. É o doutor Manuel. Ainda há pouco tempo esteve aqui a jantar.

Tinha eu 7 anos a primeira vez que fui ao médico. Foi por causa de uma tosse que apanhei. Fui a ele. Levaram-me lá a cavalo num burro, que era aqui do pai deste rapaz da merceariázita, que se chamava o senhor José Lourenço. O meu pai pediu-lho e fui ao médico a Avô, a cavalo num macho. Naquele tempo, receitou-me umas injeções para tomar. Nós tínhamos um parente ali ao pé da Vide que sabia dar as injeções. Fui para lá estar oito dias. O meu pai foi-me lá pôr em casa desse parente. Só que eu não gostava. Estava sempre com o tino de vir para ao pé da família. No primeiro dia que fui lá, encontro umas raparigas cá da terra, oh, vim-me logo embora com elas para cima. O meu pai ia lá ter comigo, fez-me voltar para trás, tornar lá para essa terra. Lá tive eu de ir outra vez para lá.

Nessa altura, os remédios era muito à base de ervas que cá havia. Agora, também já não há aí tantas ervas como havia nesse tempo. Há aí a flor do sabugueiro que a gente usava para a gripe, para a constipação. Apanhava-se, secava-se, fazia-se aquilo com um bocado de mel e tomava-se para a gripe. Diziam que fazia bem. Havia um senhor ali naquele barroco ao pé da pousada, que tinha para lá ervas com fartura.

Quem não se curava com as ervas, morria. Eu ainda tive um tio, o irmão do meu pai, que faleceu por não chegar a tempo de ser operado ao apêndice. Era bastante novo, 20 e poucos anos. Estava doente. Foram chamar esse dito médico. Veio cá, a casa dos meus avós, e disse:

- "Se eu conseguir que ele chegue a Coimbra vivo, não morre. Se não se aguentar..."

Não se aguentou. Morreu no caminho. Parece que não, mas perde-se muito tempo. Chegou à Vide, o médico levou-o no carro dele para Coimbra. Isto segundo o que dizia o meu pai. Eu acho que tinha 1 anito ou talvez ainda nem tinha nascido. A minha irmã é que já era. Levaram-no, chegou à ponte de Avô, morreu. Foi sepultado na Vide. Tiveram que o levar numa maca às costas. Acontecia isso às pessoas nessa altura. Aí morreu também uma senhora de parto, uns anos antes. Era uma chatice. Fora disso, quando podiam, iam ao médico. Mas tinham que ir ou a Avô, Côja, Oliveira ou isso assim. Era o médico que havia. Uma vez, fui a Coimbra com uma tia minha ao médico. Uma irmã do meu

pai, que morreu solteira. Ela foi ao doutor Vasco de Avô. Ao fim, ele levou-a a Coimbra e eu fui com ela.

Hoje estamos na mesma, se formos a ver bem isso. É médico de 15 dias. As doenças não escolhem o dia para se adoecer. A esse respeito, ainda hoje não estamos bem cá. Também não se justifica, que não há cá gente, mas havia de haver mais uma coisinha. O médico vem de 15 em 15 dias. Se há um problema qualquer, pega numa ambulância vai para Arganil. Chegou a Arganil, ainda não está bem, vai para Coimbra. Há uma coisa que para mim está mal nisso. Até é uma das coisas pelas quais eu não me quero mudar para cá. Nós temos casa em Coimbra. Se eu tiver um problema qualquer, a minha mulher chama um táxi ou um carro, uma ambulância, agarra-me e manda-me logo para o hospital. Se eu estiver aqui, essa ambulância leva-me a caminho de Arganil. Eles é que sabem.

Começou a vir um médico todas as semanas. Era de Arganil. Vinha de carro pela estrada de terra batida e a pé ali do Malhadinho. Veio cá um, que era o doutor Baptista de Côja. Tem andado assim. Vem de 15 em 15 dias. Não pergunto, que eu não vou lá. Felizmente não tem sido preciso. De qualquer maneira, quando preciso de ir a consultas de rotina - eu tenho problemas de coração -, vou lá a baixo.

"Iam amortalhá-lo"

Cá, o funeral foi sempre muito triste e continua. Não era bom. Até o toque do sino era feio como tudo. Vestia-se tudo de luto, homens, mulheres, tudo. Ainda se usava as mulheres andarem com um xaile a taparem a frente da cabeça, quase como usam os ciganos ainda. Os homens vestiam também de camisa preta e tudo. Agora já não.

Só há poucos anos é que têm aí uma casa mortuária. Primeiro era em casa. Era um bocado confuso. A pessoa morria, iam amortalhá-lo. Era vestido e velado em casa. Nessa noite, uma pessoa de cada casa ia ficar lá. Cada um ia lá pôr uma candeia a alumiar o morto, apesar de o azeite ser do familiar do defunto. Só saía de casa ao outro dia. O padre ia lá a casa com as pessoas todas buscá-lo. Saía e ia à igreja. Diziam a missa e essas coisas. Da igreja, ia para o cemitério. Levavam-no à mão. Agora também ainda levam.

Naquele dia, havia o funeral. Havia a missa e os ofícios. No fim, mandavam dizer missas. Havia pessoas, que estavam aí um ano a mandar dizer missas todas as semanas ao padre. Uma por semana. Por isso é que eu digo: Deus Nosso Senhor não veio cá dizer que não era preciso fazer aquilo. Naquele tempo faziam-se, porque havia muito padre e eles queriam o dinheiro. Agora não há padres, dizem que não é preciso.

Nestas terras à volta, era tudo igual. Morria uma pessoa qualquer nestas terras, quase tudo ia ao funeral. Ia-se longe. Eu fui a uns ofícios a Fajão. Pertence à Pampilhosa da Serra. Atrás dos Pardieiros há umas terras que é a Castanheira da Serra, Porto da Balsa, Ponte de Fajão e daí o Fajão lá em cima. É de outro concelho. Naquelas terras também se passou um bocado.

Quando era na altura das confissões, na Quaresma, vinham aí os padres confessar o pessoal. A Quaresma era em Fevereiro, a seguir ao Carnaval. Naquela altura, tudo tinha que se ir confessar ao padre. Aquele que não ia, já não era assim muito bem visto. Vinham aí sempre cinco, seis padres. Estavam aí três e quatro dias. Mandavam fazer ofícios pela alma desses que morreram. Punham-se a cantar na igreja. Punham lá uma coisa ao meio, como se lá estivesse o defunto, e eles ali a cantar em volta daquilo, em latim. Era tudo em latim naquele tempo. Lá limpavam, já naquele tempo, uns 600 ou 700 escudos. Pois, era assim. Ultimamente, já era isso que eles levavam.

"Se não fossem os turistas, isto já estava aí tudo botado abaixo"

Agora, aqui no Piódão, a vemos bem, até não está mau. Está um bocado mal a respeito de médicos. Com tanto dinheiro que tem vindo para cá, já era tempo de quem manda nisto - a Câmara ou seja aquilo que for - pensar em fazer aqui uma coisa qualquer que prendesse as pessoas que vêm visitar. Não ser só chegar aqui, olhar para este monte de pedras e dizer:

- "Está tudo visto, vamos embora."

Não há aqui nada. Tanto dinheiro que para aqui já saiu. A gente vai a outras terras ou têm uns jogos ou têm isto ou têm aquilo. Até que não fosse mais, podiam ter aí um viveiro de peixes, de trutas. Já chamava gente para aí se entreterem. Até com um curso ou aqueles concursos que há de pesca, uma coisa qualquer. Era o que eu gostava de ver aí. Algo que prendesse mais as pessoas. Era já tempo! A gente vai a outras terras aí da serra, vê-se coisas que prendem as pessoas. Havia de haver aí qualquer coisa para isso. Não se vê nada. Não sei lá de quem é a culpa. Minha não é. De resto, até nem está mau.

Os turistas foram quem valeu a isto. Se não fossem os turistas, isto já estava aí tudo botado abaixo. O Piódão já tinha morrido. As pessoas tinham-se ido quase todas embora. Os pais morreram. Eles estão por Lisboa, vão reparando estas casitas como se vê, por dentro. E vêm aí quase todos os anos. Ainda se vão juntando. Já foi mais do que agora. Agora, vêm cá oito dias e vão-se embora. De qualquer maneira, o turismo foi bom para isto.

Só foi pena não ter vindo há 40 ou 50 anos. Isto hoje tinha cá muita gente a viver e assim não tem cá ninguém. Muita gente foi daqui para Lisboa perguntar

a vida. Se isto tivesse sido feito há mais anos, não tinham saído e tinham aqui constituído a sua vida, tinham aqui tido os seus filhos, tinham aqui tudo e iam ficando. Mas nessa altura não havia nada... Tinham que ir à procura da vida. Naquela altura era assim: casavam-se, a mulher ficava cá a tratar dos bocados e o marido ia para Lisboa ver se ganhava alguma coisa. Vinha cá de dois em dois meses, três em três meses, meio em meio ano. Era quando eles arranjavam filhos mais depressa. Era assim, é a vida.

Sonhos "*Aquilo estava na reserva ecológica*"

Fui o culpado de fazermos o restaurante aqui. Eu e um sobrinho meu. Não fôramos assim muito bem recebidos, mas a gente não tem culpa nenhuma disso. Há quem não gosta dessas madeiras que tem aí. Então, e quem é que aprovou o projecto? Fui eu? Não fui. Alguém o aprovou. Isto não foi feito numa noite nem num dia. Foi feito com as vistorias de todos, da Câmara. Foi aprovado pelo IPAR, por Coimbra e por Lisboa. Enfiámos aqui ainda bastante dinheiro. Ninguém me deu valor a isso. E não era para ter sido aqui. Gostava de ter feito qualquer coisa nas eiras do outro lado. Na altura ainda, fiz o pedido à Câmara a ver se podia fazer se não. A Câmara deu a resposta que aquilo estava na reserva ecológica, que não se podia fazer. Ao fim, pensamos e fizemos isto aqui. Agora já estou velho e já não penso em mais nada. Se estivesse mais novo, apesar de se passar o que se passou, ainda pensava na ideia que tinha daquele lado. Gostava de ver isto um pouco melhor do que o que se não vê. Há muita gente que fala disto e daquilo. Até gente cá da terra, mas ainda cá nenhum deles enfiou o deles como eu enfiei. Aí é que elas estão! Falam, falam, mas não enfiam cá o deles.

Filosofia "*Para ouvirem a minha palheta toda a vida*"

Há aí um rapaz que é o que faz de leigo. Esse encarreira isso tudo aí bem. Já tem lata para isso tudo. Como anda metido na igreja, já treina. Isso não há pai para ele.

Talvez o dono do restaurante, o Fontinha. O mais velho, não é o filho. O pai é capaz de encarrear melhor do que o filho. É dos que mais ou menos mexe bem. E um que, se estiver bem-disposto, também encarreira um bocado, é aqui este que tem aqui a tasca. O Lourenço. O pai daquele rapaz que tem ali a gruta, que é o que tem aqui a taberna. Era a taberna, a mercearia que havia aqui antigamente. Era aquela e outra lá em diante só. O pai dele é que sempre teve aqui comércio. Ao fim, casou-se e o filho é que ficou com isso. Esse, se estiver bem-disposto,

também lá vai. Se estiver mal disposto, diz logo que não quer saber disso para nada. Também sabe bem o que foi isto cá. Passou aí por matos, por outeiros a buscar as coisas para Avô, para a Vide, para a Aldeia das Dez... Levarem vinho a Cebola, levarem essas coisas todas. Ele passou por isso tudo este rapaz.

Avaliação "*Está bem feito*"

Eu acho que isto é bem feito. Está bem feito. Só que eu gostava que isto fosse mais bem pensado, que ficasse uma coisa um pouco melhor. Tinha que ser pensado de uma maneira que ficava para ouvirem a minha palheta toda a vida, mas não fica. É como eu digo: destes 68 anos que tenho, se há algum que conhece bem o que se passou aqui, eu sou um deles. Gostei de estar a conversar, mas devia ter sido nesse género mais pensado.